

Wisnik: memória de um dia e dias

RESUMO:

17 de março de 2016, dia que ficará registrado na história política do país quando a posse de um ex-presidente na Casa Civil foi alvo, além de protestos nas ruas, de uma ofensiva legal para barrá-la. Um dia marcado também por mais protestos – e comemorações – quando aprovada a comissão que dava a largada na tramitação do pedido de destituição presidencial. Um dia de tensão e espanto, imerso e sustentado numa incredulidade que, paradoxalmente, há muitos dias já se frequentava e mais dela se esperava.

AUTORA:

Dulce Mara Gaio – psicanalista, professora do curso de Psicologia do UniBrasil Centro Universitário.



E lá estava José Miguel Wisnik e um piano... Mas... o que foi que ele disse?

Deveria ter me prevenido e feito anotações. Afinal, aprendemos tão bem com Carroll em Alice - Através do Espelho sobre a fragilidade da memória: “O horror daquele momento”, continuou o Rei, “eu nunca, nunca poderei esquecer!” “Mas esquecerá com certeza”, disse a Rainha, “a não ser que faça uma anotação sobre o caso.” Só nos faltou colocar em prática a advertência.

Na falta de apontamentos, vasculho a memória e o que encontro é que José Miguel Wisnik falava da música a cerzir a memória nacional, a oferecer, pela palavra e com o som, remendo para aqueles buracos deixados pelo desgaste próprio ao tempo ou à intencionalidade do ocultamento. Assim, no cancionário popular encontramos os rastros, as pistas de nossa biografia e os registros generosamente dispostos para seu resgate.

(Será que foi daí que Wisnik aprendeu o agir generoso que o leva a oferecer reconhecimento e homenagem aos ancestrais e a parceiros de vida e trabalho?)

Não são poucas as ocasiões que atestam essa sua natureza: sua obra, seja cantada ou escrita, está repleta de referências a Gregório de Matos, o rapper do século XVII, diz ele; a Machado de Assis, Fernando Pessoa, Antônio Cícero e Antônio Cândido, Freyre e Sérgio Buarque, Pestana, Maysa, Paulo Leminski, Elza Soares, Tom Zé, Caetano e Chico, do qual, inclusive, Wisnik resgata uma quase desconhecida América, anagrama de Iracema

e assim, talvez, diz ele, retornamos a Machado, etc... Muitos outros nomes poderiam ser aqui lembrados e muitas cordas, cordões, acordes puxados no tempo a enlaçá-los. Histórias tecidas com fino fio de honra e amizade.

(Ou por tê-lo, de alma, aí apenas o reconhece?)
Então... do que é mesmo que ele falava?

Acosso a memória e o que ela me devolve é que Zé Miguel Wisnik falava que a história do Brasil atravessa a música popular e é por ela atravessada. Ali onde faltou a palavra justa, porque precisa, estava a poesia, mínima e pródiga. Lá onde as bocas, à força da ditadura, foram caladas, estavam as canções a socorrer a necessidade que a voz tem de ouvir-se e fazer-se ouvir. A voz e a verdade. “Ali onde o Brasil não se pensava, se expressava”.

Zé Miguel falava também que desde muito cedo a história do Brasil presencia o enlace entre canções e literatura, entre o erudito e o popular, o oral e o escrito. Presencia e se sustenta da potência da música e da poesia para misturar ou reunir o que se pensam opostos – em trabalho manso, ou nem tanto, mas sempre carregado da possibilidade de

subverter, transmutar essências e lugares. Foi assim que o samba agenciou a marginalidade e outorgou dignidade à malandragem, por exemplo. As canções e suas histórias o revelam: “transformar carências em modo de vida” parece ser a vocação desta nação! Talento de quem de seus “ais” faz canto.

Inevítavellembrardonascimento de Eros: Pênia, a Indigência, deparou-se com um banquete e achou bom poder recolher, para aquietar sua fome, aquelas migalhas que caíssem das mesas. Achou bom também deitar-se com o aniversariante, Engenho, filho de Astúcia. Eros herda da mãe a falta e a carencialidade que o faz pôr-se em movimento a buscar suprimento, mas é do pai, empreendedor, que lhe vem a garantia de vitória, referendada pela avó.

A capacidade inventiva e de improvisação inscrita na cultura e no modo de ser deste país, deste povo, deveria ainda nos orientar e guiar. Deverá, um dia, nos iluminar.

Mas ... foi só isso o que ele disse?
Se isso fosse só...





Não, disse muito mais e também cantou! Mas não são muitas as recordações daquelas falas que possam agora ser organizadas segundo a razão comunicativa. Tantas outras expressões próprias ao universo e ao fazer musical também não alcançam em mim potência de expressão.

Mas se a memória, egoísta e avara, preguiçosa ou desalerta, muito menos ou nada me houvesse trazido, ainda assim lá estaria um bom e suficiente registro: Zé e o piano.

Uma lembrança, uma imagem: dedos sobre as teclas e Zé estica o pescoço, como passarinho faminto no ninho, silêncio, cabeça ao alto a buscar... e a voz vem num sorriso e, parece, no esforço de fisgar o mais essencial para distribuir à plateia: a amorosa – e vigorosa – alegria, aos moldes da gaia ciência, aquela

que, mesmo na dor, deverá unir vida e conhecimento, aquela que se ocupe em deixar brotar novos valores, preferencialmente os que acolham a complexidade e respeitem as múltiplas perspectivas que a vida tem.

O Projeto Pensando o Brasil tem como objetivo promover uma série de encontros para discutir questões importantes a respeito do cenário político, social, econômico e cultural do Brasil. Naquele dia 17 de março, num tempo dominado pela distensão política, pelo medo, pelo rancor e pela ira, Zé fazia seu trabalho: cantava, falava, cerzia, mas sobretudo nos lembrava, a todos, que este povo tem uma vocação e um destino, e que a história o revela: “pode escrever, não falha não, é a tentação de ser muito feliz”.